

NEGÓCIO ARRISCADO

JÔ COUDERT

Uma mulher que diz sua idade é capaz de dizer qualquer coisa, de acordo com Oscar Wilde. Sendo assim, não tenho a menor intenção de declarar a minha, embora admita que não estou mais na primeira juventude. Na verdade, qualquer música da época da Segunda Guerra Mundial que você mencione eu poderei cantar inteirinha.

Isso já lhe dá uma ideia de por que eu me senti uma boba quando comprei a motocicleta. Enquanto assinava o cheque, não podia acreditar que eu estava mesmo fazendo uma compra tão inconsequente. É verdade que, por anos, eu pensara como seria divertido ter uma motocicleta.

- Para quê? - debochavam minha família e amigos.

- Para me aventurar por pequenas estradas escondidas - eu respondia.

- Mas você pode usar o carro - diziam. Sim, mas numa motocicleta eu poderia parar e admirar as flores do campo e 'prestar atenção no suave barulho de um rio.

- Você vai acabar se matando - todos me desanimavam.

Foi por isso que nunca me dispus seriamente a comprar uma motocicleta.

Então por que, quando um amigo sugeriu que parássemos numa loja, eu me vi comprando uma daquelas perigosas engenhocas? Tudo bem, a motocicleta era elegante, novinha e veio no meu tom favorito de azul.

Mas o verdadeiro motivo era que eu tinha de deixar cair minha máscara. Por anos eu dissera que queria uma motocicleta. Ali estava minha oportunidade. Se fraquejasse, tenho a impressão de que minha vida começaria a declinar. Já vira isso acontecer com outras pessoas - recusar aquele emprego dos sonhos por medo de mudar de cidade, deixar de fazer rafting num rio porque o barco pode virar. Eu percebia que a vida da pessoa ficava mais estreita, mais restrita, como se fechar uma porta tivesse fechado outras, ainda desconhecidas.

Preenchi o cheque e paguei.

O próximo passo seria cuidar da habilitação. Quando apresentei minha carteira de motorista para a jovem loura no balcão do departamento de trânsito, ela a conferiu indiferente até chegar à "data de nascimento". Os olhos se desviaram para o meu rosto, ela deu um sorriso zombeteiro.

- A senhora já não está meio velha para se juntar aos Hell's Angels? - perguntou numa voz arrastada.

Quando saí pela primeira vez com a moto, concordei plenamente com suas palavras. Eu estava nervosa. Ficava me dizendo o tempo todo onde eram o acelerador e os freios. Um carro vinha atrás de mim e acabei deslizando no cascalho e me esborrachando no chão. Onde era o freio? Por que eu estava indo tão depressa?

O pânico tinha congelado minha mão no acelerador. E os freios não eram nos pedais, mas no guidom. Assim que descobri como parar, saí da moto e fui a pé com ela para casa.

Tentei novamente no dia seguinte e no outro. No quarto dia, relaxei o suficiente para fazer uma maravilhosa descoberta: eu podia sentir o cheiro do campo - a relva, as margaridas, a terra molhada e as rosas selvagens. E podia ver de onde vinham as flores. A paisagem não era como um filme que passa rapidamente, mas uma tapeçaria de folhas e galhos costurados e pétalas bordadas. Quer dizer, se eu conseguisse levantar os olhos da estrada o tempo suficiente para dar uma olhada.

Procurando um lugar seguro para praticar, descobri um caminho asfaltado, que levava até uma fábrica. A cada dia eu aumentava a velocidade, inclinando nas curvas, ousando mais nas manobras. Não tinha ideia de que deixar o vento bater no rosto livremente podia ser tão divertido.

Um dia, com confiança redobrada, ousei ir até a cidade que ficava a uns três quilômetros, acompanhando o rio. Parei a moto junto à margem e peguei um saco com pão velho que guardara para alimentar os patos. Vi que por ali estavam dois garotos que ficaram admirando a motocicleta. Um deles me chamou, batendo no meu ombro.

- Eu e ele - ele disse, apontando o amigo - queremos trocar nossas bicicletas pela sua moto.

Comecei a rir, mas seu rosto sardento estava totalmente sério. Com uma voz grave, eu disse:

- É uma bela oferta, mas acho que não vou ter muito o que fazer com duas bicicletas.

Ele balançou a cabeça. Compreendia minha situação.

Como você se chama? Quanto que a motocicleta corre?

Alguma coisa parecia não bater bem enquanto conversávamos. Então compreendi que era exatamente isso: nós estávamos conversando. Para eles, eu não era uma mulher idosa. Era a dona de um brinquedo maravilhoso e isso eliminou o abismo entre nós.

Os vizinhos tinham um sentimento parecido. Quando eu passava com a moto, eles riam, acenavam e, muitas vezes, gritavam:

E aí, como está se saindo?

Primeiro pensei que era porque eu parecia engraçada com meu capacete branco, óculos de aro de chifre e luvas e jaqueta de couro mesmo nos dias mais quentes (para proteção, no caso de queda). Mas, quando eu tirava os olhos da estrada, percebia que seus rostos eram amáveis e que sentiam uma espécie de prazer indireto com a minha aventura.

Mas eu sabia que fora realmente aceita quando um adolescente a cabeça do lado de fora de seu carro envenenado, e gritava com sorriso de aprovação:

- Vamos lá, minha senhora!

- Eu consegui! - respondia. E estou feliz, é o que tenho pensado desde então. A motocicleta realmente me levou a caminhos desconhecidos. Ela me proporcionou novas aventuras.

Mas, principalmente, me fez sentir que as portas da minha vida continuam abertas. Tudo é possível.

É claro que há riscos. Não mudei de opinião quanto a isso. Por outro lado, uma amiga que falara muito sobre os perigos de uma motocicleta levou um tombo na banheira e quebrou braço. Uma outra, viúva, que estava para voltar para a faculdade, mas desistiu com medo de ser ridicularizada, entrou em profunda depressão.

Penso nelas e vejo que a única coisa mais perigosa que não correr riscos é não se arriscar. Talvez as pessoas esperem que você se torne inconsequente à medida que envelhece. É a forma de continuar dizendo sim à vida. E, talvez, dizer sim, não ser prudente, seja o que realmente é importante na vida.

Eu me arrisquei a tudo que desejei... e o que eu desejo eu faço.

HERMAN MELVILLE